



## REVISITANDO PERSPECTIVAS AFROCENTRADAS NA ATUALIDADE: uma análise inspirada em Molefi Asante

Revisiting afrocentrated perspectives today: an analysis inspired by Molefi Asante

Revisando las perspectivas afrocentradas hoy: un análisis inspirado en Molefi Asante

Marinho Nhanri<sup>1</sup>  
Fátima Maria Araújo Bertini<sup>2</sup>

**Resumo:** o artigo tem como objetivo compreender o conceito afrocêntrico e sua aplicação na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito à atuação consciente dos(as) africanos(as), conforme conceituado por Molefi Asante (2009) como “agentes”. Para alcançar esse objetivo, estabeleceremos um diálogo com diferentes autores(as) que se dedicam ao estudo das sociedades africanas. A escolha desse tema está diretamente relacionada à realidade e às adversidades que as supracitadas sociedades enfrentaram e ainda enfrentam, mantendo-se sob a influência do colonialismo, mesmo após formalmente conquistar suas independências como estados-nações.

**Palavras-chave:** Afrocentricidade; Contemporaneidade; Agente africano.

**Abstract:** the article aims to understand the Afrocentric concept and its application in contemporary times, especially with regard to the conscious action of Africans, as conceptualized by Molefi Asante (2009) as “agents”. To achieve this objective, we will establish a dialogue with different authors who are dedicated to the study of African societies. The choice of this theme is directly related to the reality and adversities that the aforementioned societies faced and still face, remaining under the influence of colonialism, even after formally gaining their independence as nation-states.

<sup>1</sup>Licenciando em Sociologia e Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades, e-mail: [nhanrimarinho@gmail.com](mailto:nhanrimarinho@gmail.com)

<sup>2</sup>Doutora em Psicologia Social pela (PUC/SP). Psicóloga e Mestre em Psicologia pela UFC. Fez estágio doutoral pela CAPES em Portugal, na Universidade de Lisboa, no Departamento de Filosofia, entre setembro de 2012 a fevereiro de 2013. Doutora em Filosofia, na especialidade de Filosofia Moderna, pela Universidade de Lisboa, em cotutela com a PUC/SP.

Artigo submetido em: 28 de abril de 2024  
Artigo aceito em: 15 de agosto de 2024  
Artigo publicado em: 28 de outubro de 2024



**Keywords:** Afrocentricity; Contemporary; African agent.

**Resumen:** El artículo tiene como objetivo comprender el concepto afrocéntrico y su aplicación en la época contemporánea, especialmente en lo que respecta a la acción consciente de los africanos, tal como los conceptualiza Molefi Asante (2009) como “agentes”. Para lograr este objetivo, estableceremos un diálogo con diferentes autores que se dedican al estudio de las sociedades africanas. La elección de este tema está directamente relacionada con la realidad y las adversidades que enfrentaron y enfrentan las sociedades antes mencionadas, manteniéndose bajo la influencia del colonialismo, incluso después de obtener formalmente su independencia como Estados-nación.

**Palabras-clave:** Afrocentrismo; Contemporáneo; Agente africano.

## Introdução

Nos últimos anos, com a presença da Unilab, nós, estudantes internacionais originários de diferentes países do continente africano, temos testemunhado um ressurgimento e uma crescente valorização das perspectivas afrocentradas nos debates realizados nas salas de aulas, especialmente nos cursos de Ciências Humanas e Sociais. Esse ressurgimento tem sido direcionado à reflexão sobre a herança cultural africana e à necessidade de reconhecer e valorizar as significativas contribuições do continente africano no solo brasileiro, particularmente no interior do Ceará, por meio do projeto de integração, internacionalização e interiorização. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) oferece cursos de bacharelado em Humanidades, seguidos em suas terminalidades em áreas como Antropologia, Sociologia, História e Pedagogia. Em suas grades curriculares, esses cursos incluem disciplinas que promovem o diálogo intercultural com uma abordagem pautada para a diversidade cultural africana, como uma das formas de integração e internacionalização no contexto acadêmico. Os diálogos mencionados ocorrem em disciplinas como Estudos Africanos; Estudos de África Pós-Colonial (ministrada por uma das colaboradoras deste artigo, Peti Mama Gomes); Estudos de África Pré-Colonial I e II; Sociologia Africana; Psicologia Africana da Educação, do Desenvolvimento e da Aprendizagem; História e Historiografia da África; Antiguidade Africana, Médio-Oriental e Mediterrânea; África e Dominação Ocidental; Educação e Literatura Negra: Potencialidades Pedagógicas em Narrativas, Mitos, Fábulas e Contos Africanos e Afro-Brasileiros.

Além da importância das disciplinas mencionadas, os grupos de pesquisa dentro da universidade desempenham um papel marcante no diálogo e no aprendizado sobre questões “afrocentricas”. Por exemplo, um dos autores deste artigo relata que o termo “afrocêntrico”

era desconhecido para ele, pois não estava familiarizado com a teoria que o sustenta e o diferencia do "eurocentrismo". A introdução aos conceitos afrocêntricos teve início durante os estudos de graduação na Unilab e aprofundou-se ao participar de um grupo de pesquisa denominado "Sakhu Sheti", coordenado pela Professora Doutora Fátima Maria Araújo Bertini. Esse grupo tinha como foco o estudo das questões relacionadas à identidade africana e à sua legitimidade na produção de conhecimento científico.

Conforme a perspectiva de Nobles (2009), o termo "Sakhu Sheti" significa conhecer, compreender e realizar pesquisas aprofundadas sobre uma realidade específica ou área de estudo. Em outros termos, esse conceito se aplica quando se busca compreender a própria identidade, de onde se vem e para onde se quer ou está indo, ou, ainda, "quem somos e por que estamos aqui". Para alcançar uma compreensão mais abrangente, foi essencial seguir um processo que implicava formular questões capazes de auxiliar na explicação da natureza e do funcionamento do ser humano em meio aos diversos povos africanos.

No âmbito desse grupo de pesquisa, dedicamo-nos ao estudo de diversos autores que investigam a sociedade africana desde os primórdios das civilizações até os dias atuais. Entre os estudiosos que se enquadram em nossa linha de pesquisa, Molefi Asante despertou particular curiosidade, especialmente em relação aos seus estudos sobre "afrocentricidade". Por isso, este artigo objetiva revisar o conceito de afrocentricidade proposto por Asante, buscando uma compreensão mais aplicável à sociedade africana atual, sobretudo dentro do diálogo acadêmico em uma universidade internacional que congrega diversas geografias, tanto nacionais quanto internacionais.

Assim, o artigo será, portanto, dividido em dois tópicos, além desta introdução inicial. No primeiro momento, realizaremos um apanhado teórico sobre a origem do termo, seguido por uma narrativa contemporânea que reflete sobre a aplicabilidade do conceito. Esta narrativa é apresentada a partir do ponto de vista de discentes e integrantes de projetos de extensão, bem como de alunos e professores, oferecendo uma perspectiva abrangente e reflexiva.

### **Afrocentricidade: Reafirmando a Identidade**

Nossos estudos nos levaram a compreender que a palavra "afrocêntrico" teve sua origem em 1961, em um discurso proferido pelo líder de Gana, Kwame Nkrumah, na

Universidade de Gana, em Legon. Essa é a primeira vez que termo “afrocêntrico”, foi usado e reconhecido como uma ideia intelectual, com a publicação do livro de Molefi Asante, intitulado *Afrocentricity: The Theory of Social Change* (Asante, 2016). Em seus termos, “a afrocentricidade emergiu como um repensar da caixa conceitual que tinha aprisionado os africanos no paradigma ocidental” (ASANTE, 2016, p.10). Logo, os afrocentristas assumem um papel fundamental na rejeição da noção de que a perspectiva europeia é universal, promovendo, em vez disso, uma visão mais inclusiva e centrada na experiência africana. Tanto homens quanto mulheres afrocentristas estão entre os(as) principais agentes que historicamente cumpriram e continuam a cumprir esse papel decisivo.

Essa abordagem ressoa com a ideia de “endogeneidade” conceituada por Paulin J. Hountondji, enfatizando a importância de desenvolver conceitos e perspectivas internas, enraizadas nas experiências e na cultura africanas, em contraposição à adoção acrítica de modelos externos. Pois, “a afrocentricidade também se anuncia como uma forma de ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista que é nova, inovadora, desafiadora e capaz de criar formas excitantes de adquirir conhecimento, baseado no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno” (ASANTE, 2016, p.11).

Compreender que, antes de tudo, a afrocentricidade é uma abordagem poderosa e transformadora que não se limita a criticar as estruturas de poder dominantes; também propõe alternativas significativas na valorização da identidade, cultura e história africana e afrodescendente. Asante (2009), ao explicar o sentido da afrocentricidade, propõe que esta se trata de uma abordagem epistemológica que tem como ponto de partida o período da dominação colonial e do comércio de escravos. Nesse contexto, o capital humano era visto como a principal fonte de receita para os não africanos, ou seja, para os invasores que arrancavam violentamente os africanos de seus lugares de pertencimento em todos os aspectos possíveis: culturais, psicológicos, econômicos e históricos. Em suas palavras:

Tendo sido os africanos deslocados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos [...]. Começamos com a visão de que a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009, p.93).

Nota-se que Asante (2009, p. 94) se refere aos africanos como “agentes”, ressaltando a importância de compreender o conceito de “agência” para uma melhor contextualização.

Segundo o autor, “um agente é um ser humano capaz de agir de forma independente em função de seus interesses” (*ibidem*). Destacamos esses conceitos para evidenciar a relação de interdependência entre ambos: o agente como a própria pessoa e sua capacidade de atuar na sociedade com autonomia, enquanto a agência representa a habilidade e a “capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana” (*ibidem*).

A noção de agentes e agência também está na raiz da desconstrução epistemológica eurocêntrica, que cria uma ilusão sobre a África e ridiculariza a sociedade, chegando ao ponto de afirmar que ela não tinha cultura até ser invadida. Essa é uma das utopias destacadas por Fanon (2008, p. 92) em sua análise crítica a Mannoni, referindo-se à ilusão sobre a sociedade africana e às pressões para assimilar valores impostos para serem aceitos na sociedade. O psiquiatra e filósofo político Frantz Fanon destaca que “é utópico esperar do preto ou do árabe que se esforcem para inserir valores abstratos na sua *Weltanschauung*, quando eles mal conseguem comer o suficiente para matar a fome.”

As indagações pertinentes a este contexto desafiador residem na questão de como é possível reconhecer a existência de uma civilização pré-existente à chegada dos invasores, bem como qual seria o termo adequado se aplica a essa descoberta. Outrossim, levanta-se a questão da viabilidade de uma sociedade existir sem suas identidades culturais distintas. Tal questionamento nos conduz a um diálogo com as reflexões de Munanga (2019, p. 1), o qual esclarece: “se o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre ‘nós’ e ‘outros’, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados.” Portanto, é possível afirmar que as sociedades africanas, dentro de suas diversas identidades, já possuíam consciência e culturas distintas antes da chegada dos colonizadores brancos. A invasão e subsequente permanência desses colonizadores deixaram marcas profundas, contribuindo significativamente para a persistência da influência eurocêntrica nas sociedades africanas.

Aliás, “o fato de que a África foi invadida, conquistada e governada por nações árabes e depois europeias por centenas de anos significou que a descoberta da agência africana, mesmo no continente, se tornou uma tarefa complexa” (ASANTE, 2016, p. 13).

Devido aos longos períodos de dominação e exploração por parte de potências estrangeiras, tanto árabes quanto europeias, que resultaram em violência física, intelectual, psicológica, cultural e epistêmica, as sociedades africanas foram profundamente afetadas. Por isso, é destacada a complexidade apontada pelo autor. Reconhece-se que, enquanto discentes e docentes em uma universidade internacional, nacional e regional, apesar das adversidades históricas e das hegemonias impostas, os(as) africanos(as) têm demonstrado resiliência e capacidade de reafirmar sua identidade, cultura e soberania. Ao longo dos séculos, houve resistência, revoltas e movimentos de independência que lutaram contra a opressão estrangeira e buscaram recuperar o controle sobre seus próprios destinos, como Amílcar Cabral, Kwame Nkrumah, Léopold Sédar Senghor, Agostinho Neto, Steve Biko, Samora Machel e Cheikh Anta Diop.

Sem perder de vista que o avanço da consciência histórica tem permitido uma reavaliação das narrativas dominantes, possibilitando uma maior valorização das perspectivas africanas e uma compreensão mais integrada da diversidade e complexidade das experiências africanas ao longo do tempo. Até porque:

Diop estava confiante de que a história da África não poderia ser escrita sem lançar fora as falsificações da Europa. Fazer isso não era apenas politicamente e profissionalmente perigoso, mas era considerado impossível, dadas as centenas de anos de informações acumuladas nas bibliotecas do Ocidente (ASANTE, 2016, p.14).

Para que essa desconstrução histórica se torne realidade, os estudiosos africanos precisam construir argumentos que desafiem os estudos eurocêntricos, estabelecendo e escrevendo a história da África sem a influência europeia. Como se pode observar na argumentação de Diop, ele demonstra que os negros africanos do Vale do Nilo ofereceram “ao mundo a astronomia, a geometria, o direito, a arquitetura, a arte, a matemática, a medicina e a filosofia” (ASANTE, 2016, p. 14). O autor ainda acrescenta, defendendo que os antigos egípcios eram negros africanos, e não árabes, muito menos europeus.

Portanto, é de extrema importância valorizar e defender nossa cultura e escrever nossa própria história para evitar que os “Afrocentristas acreditam que a alma de um povo está morta quando não pode mais respirar seu próprio ar cultural ou espiritual, falar sua própria língua, e quando o ar de uma outra cultura parece cheirar mais doce” (ASANTE, 2016, p. 15). Ou seja, a essência de um povo está diretamente ligada à sua cultura, sua língua e suas



tradições. Quando esses aspectos são perdidos ou negligenciados em favor de culturas dominantes (euro-branco-cêntrica) ou estrangeiras, a alma desse povo é considerada “mortífera”, isto é, sua identidade cultural está em risco de ser perdida.

Por conseguinte, adotar a abordagem da africanidade, com foco nos estudos dos intelectuais negros, afro-americanos e africanos (como ocorre em certos cursos e disciplinas na UNILAB), representa precisamente um apelo à consciência e à ação para preservar e fortalecer a herança cultural e espiritual desses povos. Trata-se de resistir à assimilação cultural-epistêmica e valorizar a própria identidade cultural, exemplo do campo da Africologia. Como o estudo afrocêntrico dos fenômenos africanos, a Africologia assume o papel de disciplina para estudos referidos como Afro-Americanos, Africana ou Estudos Negros (ASANTE, 2016, p. 16).

Se dermos um passo atrás para lembrar as contribuições sociológicas sobre a construção da sociedade africana, podemos citar o sociólogo Émile Durkheim (1895), cuja obra demonstra que o indivíduo se desenvolve através do conjunto de normas estabelecidas pelas sociedades. Isso implica que os africanos já possuíam suas práticas culturais antes da chegada dos invasores, uma vez que essas são compostas por diversas convicções étnicas, condicionando-os a buscar um meio comum para se comunicarem entre si. Pode-se afirmar que houve uma tentativa de impor ao povo africano uma nova perspectiva cultural, embasada em uma ideologia eurocêntrica, durante os séculos de colonização, a partir do século XVII. No entanto, essa empreitada não obteve pleno sucesso, especialmente diante das lutas pela libertação dos países colonizados.

Essa tentativa, parcialmente mal-sucedida, de implantar novos saberes na sociedade africana resultou na perda de parte das identidades originárias do continente, devido às adversidades enfrentadas. É pertinente utilizar o termo "parcialmente fracassada", pois embora os colonizadores não tenham alcançado completamente seu objetivo de impor uma nova identidade cultural e erradicar as identidades locais, a influência eurocêntrica deixou sequelas profundas. Apesar dos esforços dos africanos para restaurar suas culturas, ainda persistem resquícios da influência eurocêntrica no continente. Isso tem impulsionado uma luta contínua pelo resgate da identidade originária africana, marcada pela persistência das marcas deixadas pela colonização.

Para aprofundar o entendimento dos saberes africanos, destaca-se um estudo que apresenta uma metodologia desenvolvida por Macamo para analisar as formas de conhecimento e discursos produzidos pelas sociedades africanas sobre a própria África. Essa metodologia divide os saberes em três categorias: “saber tradicional”, “saber colonial” e “saber africano” (MACAMO, 2002, p. 10). A influência dessas epistemologias ainda é evidente em nossas sociedades, especialmente nas práticas tradicionais africanas.

Nesse processo de reconhecimento do seu lugar de pertencimento, o autor aborda a importância da conscientização, enfatizando a necessidade de não nos submetemos às políticas eurocêntricas. Ainda propõe uma reflexão sobre a construção de uma nova sociedade africana, livre das influências crônicas, tanto psicológicas quanto culturais, do eurocentrismo. Nesse contexto, a afrocentricidade desempenha um papel fundamental, incentivando uma abordagem centrada na valorização da identidade e dos saberes africanos. Em suas palavras, destaca que a “afrocentricidade” emergiu como um processo de conscientização política de um povo que existia à margem da educação e da tecnologia tal como definidas pelos eurocêntricos. Se bem-sucedido, o processo de recentralizar esse povo criaria uma nova realidade e abriria um novo capítulo na libertação da mente dos africanos” (ASANTE, 2009, p. 94).

Em consonância com os valores de autodefinição e autoconscientização, também se fala na Mazama (2009, p. 111), “[...] de que nós africanos devemos operar como agentes autoconscientes, não mais satisfeitos em ser definidos e manipulados de fora. Cada vez mais, controlamos nosso destino por meio de uma autodefinição positiva e assertiva.” Observa-se que o processo de emancipação intelectual na África, visando à libertação das influências eurocêntricas, é uma batalha em curso. Ao analisar a realidade dos países africanos, torna-se evidente que os traumas históricos ainda reverberam no ajuste estrutural e na busca por uma estabilidade política independente e nacional. Essa busca se reflete na necessidade de estabelecer uma estrutura política e constitucional que se alinhe às especificidades sociais e contextuais de cada nação ou país. Fanon (1968?, p. 200 e 205) argumenta sobre a “[...] luta pela existência nacional” e acrescenta ainda que “após a luta não há apenas desaparecimento do colonialismo; há também desaparecimento do colonizado.” A conscientização não se restringe à emancipação mental do povo africano; ela também ressalta a importância da agência dos diversos povos africanos na construção de seu próprio destino.



Portanto, ao contemplar suas condições de humanidade com indivíduos que exercem a agência, surge a questão: qual é a compreensão de Asante acerca desse conceito de agência? Segundo Asante (2009), ao discorrer sobre o papel da agência na conscientização dos povos africanos, ele inicia por definir um agente como um indivíduo que atua conforme seus interesses, independentemente de qualquer forma de opressão. Essa definição nos conduz diretamente à reflexão sobre a relação entre a conscientização da sociedade africana e a libertação de suas mentes das influências eurocêntricas, como foi anteriormente sublinhado. Dentro dessa mesma linha de raciocínio, a agência emerge como um fundamento essencial para sustentar a autonomia do ser humano, fornecendo os recursos psicológicos e culturais necessários para sua liberdade.

Os povos não europeus tornam-se dissimulados, e os povos negros, além de serem invisibilizados, também sofrem marginalização, que se transforma no racismo, por esta razão:

[...] propõe-se a afrocentricidade, teoria-chave, cunhada por Molefi Kete Asante na década de 1980, que abre a reflexão sobre o mulherismo africano de Hudson, tratando-se justamente de centrar as pessoas negras e reorientá-las ao seu trilha civilizacional, colocando-as como agentes diante dos fenômenos que as atravessam (NJERI; RIBEIRO, 2019, p.597).

Hountondji (2008), em seu artigo, discutiu questões que visam defender a sociedade africana e, para isso, levantou uma pergunta que provoca uma reflexão profunda sobre a sociedade africana, na qual ele questiona o seguinte: “em que medida são africanos os chamados estudos africanos?” (HOUNTONDJI, 2008, p.149). Essa provocativa questão, levantada por Hountondji (2008, p.149), ressoa com a preocupação sobre o domínio do conhecimento ocidental sobre a narrativa dos estudos africanos. O autor sugere que os africanos devem se desvincular das influências e das marcas deixadas pelos colonizadores, buscando abordar de forma direta ou indireta os desafios contemporâneos do continente através de produções de conhecimento e investigações próprias.

### **Ensino das epistemologias ocidentais x necessidade de um novo modelo**

É amplamente reconhecido que o continente africano ainda é predominantemente influenciado pelo ensino das epistemologias ocidentais, tanto no nível do ensino médio quanto nas instituições universitárias (Nogueira, 2011). No entanto, há uma crescente necessidade de implementar um novo modelo de currículo escolar que permita aos africanos se apropriarem de suas próprias narrativas e conhecimentos, os quais foram historicamente subjugados e capitalizados por séculos. Dessa forma, o autor sugere uma mudança

paradigmática nas produções epistêmicas e pesquisas realizadas por africanos no continente, visando uma apropriação renovada.

É importante ressaltar que, ao nos referirmos aos estudos africanos, não estamos tratando de uma disciplina singular, mas sim, de um conjunto de áreas de estudo que têm como objetivo de análise a África, a título de exemplo, campos como história, antropologia, sociologia, linguística, política e filosofia africanas. A existência de uma variedade de disciplinas dedicadas ao estudo da sociedade africana levanta questões sobre a relação entre elas, ou se o único ponto comum é o objeto de estudo, ou seja, a África. No entanto, conclui-se que há, sim, relações interdisciplinares e semelhanças entre todas essas áreas, que têm a África como foco de investigação (Hountondji, 2008).

Geralmente, quando se discute o estudo da África, observa-se uma abordagem que privilegia uma perspectiva externa, mais voltada de "fora para dentro" — exógena — especialmente evidenciada pela terminologia utilizada, que legitima os discursos históricos sobre a África sob uma ótica ocidental, em detrimento daquela que emergiu intrinsecamente do continente africano, pelos próprios africanos. Ou seja, uma dinâmica resultante da difusão generalizada da ideia de que apenas os brancos ocidentais são os verdadeiros detentores do conhecimento, capazes de interpretar a sociedade africana externamente, enquanto os africanos permanecem influenciados pelas marcas deixadas pelo período colonial, chegando ao ponto de muitos não reconhecerem sua própria filosofia. No entanto, tal concepção é uma utopia.

Outro aspecto visto, gira em torno da atuação inconsciente de intelectuais africanos na produção de conhecimento, muitas vezes alinhada com paradigmas filosóficos acidentais ou gerados externamente, os quais, apesar de significativos, são subutilizados no contexto local, enquanto são mais valorizados e aplicados externamente. Se deve, em parte, ao condicionamento histórico que tem priorizado a valorização do conhecimento estrangeiro, principalmente o proveniente do mundo ocidental.

A produção da etnofilosofia decorre do fato de que as obras produzidas por acadêmicos africanos, que inicialmente se presumiam ser filosofia, consistiam, em descrições da realidade de seus antepassados. Isso, contudo, não diminui a perspicácia presente nos

artigos, monografias, teses, dissertações, livros e demais formas de conhecimento elaboradas pelos acadêmicos africanos dedicados ao estudo da filosofia, o “que a maioria destes acadêmicos estava realmente a produzir não era filosofia, mas sim etnofilosofia: estavam a escrever um capítulo específico da etnologia que visava estudar os sistemas de pensamento das sociedades habitualmente estudadas pela etnologia” (HOUNTONDJI, 2008, p.152-153).

No entanto, faz necessário entender a diferenciação dessas duas produções (filosofia e etnofilosofia) para que se possam tornar realmente autônomas nas produções de seus conhecimentos. É importante ressaltar que não existe uma única metodologia para a produção de conhecimento. As abordagens de pesquisa nas sociedades africanas diferem das ocidentais, uma vez que já foi questionada a maneira pela qual os africanos produzem conhecimento, muitas vezes por meio da oralidade, o que pode levar à desvalorização da confiabilidade de seus testemunhos. Porém, Hampaté Bâ (2010) esclarece que “o testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem” (p.181). O autor ainda acrescenta que:

Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens. Antes de colocar seu pensamento no papel, o escritor ou o estudioso mantém um diálogo secreto consigo mesmo. Antes de escrever um relato, o homem recorda os fatos tal como lhe foram narrados ou, no caso de experiência própria, tal como ele mesmo narra (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.181-182).

Para acompanhar as exigências que o campo acadêmico exige (o que não implica que a produção de saberes através da oralidade não serve), porque Hampaté Bâ (2010) fala desse assunto muito bem em sua obra. Se verifica hoje, nos continentes africanos, avanços na criação de vários meios de produção científica, a existência de universidades e dentre outros centros de investigação. Contudo, ainda falta muito para alcançar a autonomia e autoconfiança na produção de conhecimentos, no intuito de responder às indagações que o contemporâneo lhe propõe dentro das sociedades africanas.

Hoje temos em África, nos diversos campos do meio acadêmico, comunidades científicas regionais, sub-regionais e nacionais. Temos universidades e centros de investigação, alguns deles muito bons. Temos excelentes cientistas e investigadores, alguns dos quais com carreiras muito bem sucedidas. Apesar de todo este progresso, contudo, ainda estamos muito longe de atingir aquele que consideramos ser o nosso objectivo final: um processo autónomo e autoconfiante de produção de conhecimento e de capitalização que nos permita responder às nossas próprias questões e ir ao encontro das necessidades tanto intelectuais como materiais das sociedades africanas (HOUNTONDJI, 2008, p.157-158).

Visto que os avanços supramencionados não conseguiram contribuir para o alcance do esperado, portanto, seguir um novo paradigma que priorize a formulação de conjuntos de problemas originais que atendam objetiva e subjetivamente às preocupações dos intelectuais africanos, que vai permitir o resgate dos legados africanos (conhecimentos) e, para legitimá-los, deve-se fazer uma crítica dos próprios conhecimentos produzidos internamente pelos próprios africanos na África sobre a África.

### **Considerações finais**

Pode-se perceber que, mesmo com a atuação das ideias intelectuais afrocêntrica e dos africanos atuando como agentes, ainda se verifica as influências europeias nas produções de conhecimentos sobre a África e dos africanos negros. Por outro lado, é convém indicar que houve grande progresso no que tange às produções que buscam defender a história africana e a cultura de seu povo.

Quando se fala em conscientização da sociedade africana, é de se tornarem sujeitos e agentes autônomos, capazes de reestruturarem suas epistemologias e a exteriorização das influências eurocêntricas no meio do convívio diário, fazemo-nos entender o valor de aceitar quem somos, nossa identidade, cor de pele, cultura e honrar o desejo de todos os africanos que lutaram um dia para fazer permanecer a nossa originalidade em ação, para que o continente africano não seja visto como aquele que está lutando para se recuperar das mazelas dos colonos. Porém, que se tem como prioridade o autodesenvolvimento em diferentes perspectivas, adaptando um sistema afrocêntrico que vai de acordo com sua realidade cultural e social.

### **Referências**

ASANTE, Kete Molefi; Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar (p.93) in. Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora/ Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. 2016.

BARRIOS, Andressa Farias; DA SILVA, Diônvera Coelho; ACCORSSI, Aline. PRÁTICAS EDUCATIVAS E AFROCENTRICIDADE. SENPE-Seminário Nacional de Pesquisa em Educação (ISSN 2675-8970), v. 3, n. 1, 2020.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O Que é Educação. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28o ed., 1993.
- DOMINGOS, Luís Tomás. Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afro descendência. *identidade!*, 2017, 22.2: 190-208.
- DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico,(3ª edição). Lisboa: Editorial, 2007.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas . Grove Press, 2008.
- FANON, Frantz. Os condenados da Terra. 1968 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1961.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, mar. 2008: 149-160. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/699>Acessado em: 02.2016
- MACAMO, Elísio. A constituição duma sociologia das sociedades africanas. *Estudos Moçambicanos*, 2001, 19: 5-26.
- MAMA, Amina. Será ético estudar a África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, 603-637.
- MAZAMA, Ama; A Afrocentricidade como um novo paradigma (p.111) in. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora/ Elisa Larkin Nascimento (org.)*. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- MBEMBE, Achille. *Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada*. Editora Vozes, 2019.
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude-Nova Edição: Usos e sentidos*. Autêntica Editora, 2019.
- NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. *Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira*. Currículo sem fronteiras, v. 19, n. 2, p. 595-608, 2019.
- NOBLES, Wade. *Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado*. *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, p. 277-298, 2009.
- NOGUEIRA, Renato. *O ensino da filosofia e a lei 10.639 / Renato Nogueira*. - Rio de Janeiro : CeAP, 2011.
- SILVA, Teresa Cruz. *Determinantes globais e locais na emergência de solidariedades sociais: O caso do sector informal nas áreas periurbanas da cidade de Maputo*. *Revista crítica de ciências sociais*, 2002, 63: 75-89.